

outra travessia

Revista de Literatura nº 35

Ilha de Santa Catarina, 1º semestre de 2023

Organizadores do Dossiê:

Ricardo Gaiotto de Moraes, UFSC

Pablo Simpson, Unesp-São José do Rio Preto

Francisco Cláudio Alves Marques, Unesp-Assis

Oswaldo Copertino Duarte, UNIR

Sandra Teixeira de Faria, Universidad Complutense de Madrid

Editores:

Ricardo Gaiotto de Moraes

André Fiorussi

Editoração:

Jefferson Michels

Programa de Pós-Graduação em Literatura

Universidade Federal de Santa Catarina

r e v
t a c
i t
a t
o u
t r a
s s

Ficha Técnica

Imagem da capa: “Passeio ao Capeu Virado Belém, Maio de 1927”, fotografia, 05/1927. São Paulo: Arquivo IEB – USP, Fundo Mário de Andrade: MA-F-0176.

Catálogo:

ISSN: 0101-9570

eISSN: 2176-8552

Editores: Ricardo Gaiotto de Moraes, UFSC; André Fiorussi, UFSC.

Organizadores: Ricardo Gaiotto de Moraes, UFSC; Pablo Simpson, Unesp-São José do Rio Preto; Francisco Cláudio Alves Marques, Unesp-Assis; Osvaldo Copertino Duarte, UNIR; Sandra Teixeira de Faria, UCM- Espanha

Editoras assistentes: Carolina Severo Figueiredo; Claudia Luana Cogo; Laura Danielly de Souza Couto

Revisores/Colaboradores: Carolina Severo Figueiredo; Claudia Luana Cogo; Laura Danielly de Souza Couto; Renato Bradbury de Oliveira

Capa, projeto gráfico, diagramação e editoração: Jefferson Michels

Conselho Consultivo:

Adriana Rodriguez Pérsico, Universidad de Buenos Aires (UBA),
Argentina
Ana Luiza Andrade, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Ana Porrúa, Universidade de Rosário, Argentina
Antonio Carlos Santos, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Brasil
Artur de Vargas Giorgi, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Carlos Eduardo Schmidt Capela, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Célia Pedrosa, Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil
Ettore Finazzi Agrò, Università de Roma La Sapienza, Itália
Fabián Javier Ludueña Romandini, Universidad de Buenos Aires - Universidad UADE
- Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina
Flora Süssekind, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil
Florencia Garramuno, Universidad de San Andrés, Argentina
Francisco Foot Hardman, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil
Gema Areta, Universidad de Sevilla
Ivia Alves, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Jair Tadeu da Fonseca, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Jorge Hoffmann Wolff, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Livia Grotto, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Brasil
Luciana María di Leone, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil
Luz Rodríguez Carranza, Universidade de Leiden, Países Baixos
Marcelo da Rocha Lima Diego, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil
Marcos Siscar, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil
Maria Aparecida Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Maria Esther Maciel, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
María Gabriela Milone, IDH, Conicet. Universidad Nacional de Córdoba, Argentina
Mario Cesar Camara, Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina
Raúl Antelo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Rita L. de Freitas Bittencourt, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil
Roberto Vecchi, Università di Bologna, Itália
Sabrina Sedlmayer Pinto, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
Susana Celia Scramim, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil
Wander Melo Miranda, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil
Wladimir Antônio da Costa Garcia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Modernismo brasileiro 100+1 anos: crítica, heranças, perspectivas (vol. 1)

O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 foi uma efeméride que provocou pesquisadores em artes, literatura, culturas brasileiras e de literatura comparada a revisar as construções historiográficas em torno do Modernismo brasileiro, e consequentemente de um de seus símbolos - a Semana. Foi também com esse intuito que realizamos um congresso, durante o mês de outubro de 2022, na Universidade Federal de Santa Catarina. Visando deslocar o eixo celebratório das reflexões, a ideia era não apenas lembrar a efeméride, passando em revisão as pesquisas sobre como se organizou e o que se apresentou no evento modernista, mas refletir criticamente sobre que restou daquele tempo e, quem sabe, propor novas perspectivas.

A ideia inicial partiu da Profa. Dra. Sandra Teixeira de Faria, da Universidad Complutense de Madrid, que nos convidou para formar a comissão que projetou o congresso a ser realizado em diversas cidades - ainda estávamos sob o medo da pandemia de COVID-19, por isso, em muitos casos, realizamos eventos virtuais e híbridos. Assim, formou-se uma aliança de colaboração entre dez instituições de cinco países em três continentes, a saber: Espanha (Universidad Complutense de Madrid – UCM e a

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Asociación de Profesores de Lengua Portuguesa en España – APLEPES); Portugal (Universidade Aberta, Universidade Fernando Pessoa e Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – CLEPUL, da Universidade de Lisboa); Itália (Universidade de Pádua); Brasil (Universidade Estadual Paulista – Unesp, Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR e Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC); e Angola (União dos Escritores Angolanos – UEA).

Dado o carácter internacionalista dos modernismos e das vanguardas históricas, pareceu-nos muito bem vinda a ideia, sobretudo porque possibilitou pluralidade e diversidade de olhares. Foi neste espírito que convidamos colegas, pesquisadores dos modernismos, para conferências e palestras, realizadas entre os dias 22, 23, 24 e 25 de novembro na Universidade Federal de Santa Catarina¹. Para realizar esta etapa, juntaram-se a nós os colegas da UFSC, que muito contribuíram com as discussões e organização do evento. Depois do congresso, abrimos chamada de artigos na revista *outra travessia*, provocada pelo seguinte manifesto:

Nós, intelectuais, artistas, pesquisadores, pesquisadoras, professores e professoras, um certo “nós” talvez, pode-se dizer assim, deveríamos tomar que atitude no ano de 2022+1 diante do centenário da Semana de Arte Moderna?

Passar em revisão, observando a partir de ângulos diversos as diferentes nuances do que se encenou no Theatro Municipal (incluindo bastidores, fosso, arredores, salões, vaias)?

Criticar os termos com que foi descrita a Semana, em maiúscula? ou a Arte Moderna? Suficiente moderna? Modernistas? Futuristas? De São Paulo? Regionais? Internacionais? Universais?

1 Cf. <https://linktr.ee/100modernismo>

Passar em análise e terapia as sucessivas revisões do passado? Década, 20 anos, cinquentenário, 80 anos? Foi gostoso, ficou bonito? Foi aventureiro, aristocrático? Momento crítico ou criador? Influências, anacronismos, decolonialismos?

Relativizar desvairismos, papas, escolas? Nós os passadistas futuristas contemporâneos um tanto fora do lugar de entrelugares?

Analisar identidades, identificações ou constatar as impossibilidades (machismo racismo, homofobia) estruturais?

Questionar o país, em seus eventuais avanços e progressos, pelo que se pretendeu como modernidade, atualidade e universalidade?

Mistificar o sentido do comemorar um centenário que encontra um país de legiões autoritárias na mais triste nação?

Os textos que compõem os números 35 e 36 da revista *outra travessia* aceitaram, portanto, a chamada. Como o volume sai no ano pós-centenário, graciosamente resolvemos intitulá-lo Modernismo 100+1.

Iniciamos o número 35 com uma homenagem a Telê Ancona Lopez, que foi organizada em torno de uma mesa com a participação de pesquisadores e pesquisadoras que foram orientados por ela, Raul Antelo, Marcos Antonio de Moraes e Rita de Cássia Barbosa. Naquela ocasião, Telê apresentou “Classificar manuscritos = decifrar etapas da criação literária”, oferecendo-nos uma conferência que explicou e testemunhou muito de sua trajetória dedicada ao ensino e à pesquisa da crítica genética. Telê foi pioneira nos estudos dos manuscritos do Arquivo Mário de Andrade, abrindo perspectivas originais, a partir de uma abordagem crítica voltada ao estudo do arquivo como parte integrante do processo criativo e de sociabilidade dos escritores, coordenando a equipe que se lançou aos estudos do arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros, USP. Dentre seus inúmeros trabalhos, destacam-se a organização e estabelecimento de texto de grande

parte da obra então inédita de Mário de Andrade, como *Taxi e crônicas no Diário Nacional*, *O turista aprendiz* e *De São Paulo* e, investigando a fundo o processo criativo e o pensamento do autor, os ensaios *Macunaíma, a margem e o texto*, *Mário de Andrade: ramais e caminho*, e a organização da primorosa edição crítica da rapsódia andradina. Quem lhe faz, neste número de *outra travessia*, um perfil é Raul Antelo, referência incontornável para os estudos dos modernismos na América Latina, e que foi orientado por Telê Ancona Lopez.

Raul Antelo, a quem agradecemos pelo diálogo e pela disponibilidade durante a organização do congresso, assina também o artigo “Modernismo múltiplo: a memória de Mário”, onde explica a memória de Mário de Andrade. Partindo de uma coincidência que vê entre os processos de criação de Borges e Mário de Andrade, autores para quem “ler e escrever” seriam “atos complementares para cuja efetivação não basta conhecer em detalhe uma tradição ou uma história: carece de pulsão estética específica para combinar a herança cultural com a singularidade literária”, focaliza o capítulo “Ursa Maior”, de *Macunaíma*. Desenvolve, então, a partir de profunda pesquisa em arquivos, como a escrita de Mário de Andrade interpela uma constelação de antropólogos coetâneos, apresentando, assim, a “memória de Mário como modernismo múltiplo”.

Ainda em perspectiva comparatista, em “Esgotar o campo do possível: Pauliceia Desvairada e A educação dos cinco sentidos, a pulsão do amor em dois tempos”, Susana Celia Scramim compara “Ode ao burguês” de Mário de Andrade, publicado em *Pauliceia Desvairada* (1922), e “ode(explicita) em louvor à poesia no dia de são Lukács”, de Haroldo de Campos, publicado em *A educação dos cinco sentidos* (1985), para agudamente perscrutar os sentidos da imagem poético-sonora ode/ódio nos dois modos de escrita da poesia vanguardista.

Pensando na provocação forjada no prefácio-poema do primeiro livro de poemas modernistas de Mário de Andrade, Francisco Cláudio Alves Marques e Gabriel da Silva Conessa estudam, no artigo “Sobre *Paulicéia Desvairada* (1922), de Mário de Andrade, e seu interessantíssimo prefácio”, o livro de Mário de Andrade observando como as “palavras em liberdade”, da poesia de traços dadaístas, captam o espaço urbano multicêntrico e pulsante da cidade em processo de expansão.

Comparando cenas de leitura e de escrita que compõem resenhas literárias do autor de *Macunaíma*, em “Poetas à beira do burburinho da rua: Mário de Andrade lê e escreve Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira”, Ricardo Gaiotto de Moraes investiga como essas imagens, em diálogo com os textos de Guilherme de Almeida e Bandeira, retornam aos poemas de *Pauliceia Desvairada*. O artigo desenvolve, assim, comparações que indicam vestígios da sociabilidade do modernismo nos jornais.

Ainda a partir de *Pauliceia Desvairada*, Jorge Ortiz Vergara investiga, em “Mário de Andrade cita Oscar Wilde: homoerotismo e homofobia no debate com Francisco Pati (1922-1923)”, os ataques homofóbicos de Francisco Pati ao modernista em texto publicado na campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite* em 1923, ao criticar as referências a Oscar Wilde que Mário de Andrade havia feito em duas ocasiões, em um discurso de paraninfo e no poema “Paisagem n. 3”.

No artigo “Macunaíma, ainda”, partindo de uma sugestão de leitura para *O herói sem nenhum caráter* dada por Mário de Andrade mais de uma década depois do lançamento do livro, Tiago Hermano Breunig desenvolve uma interessante leitura que mobiliza, atualiza a recepção crítica da rapsódia do ponto de vista do pensamento social. Uma das perguntas do artigo – “não seria o caso, então, de conceber Macunaíma, desde seu nascimento no ‘fundo do mato-virgem’”, como resultado da colonização, incluindo suas

representações, de uma forma não (crono)lógica?” – guia a argumentação na qual, ganha destaque, os sentidos da menção à cidade de pedra de Delmiro Gouveia.

Alexandre Nodari, em “Nós-outros: sobre o sujeito do Manifesto Antropófago”, interroga o manifesto em busca daquela que deveria ser, do seu ponto de vista, a primeira pergunta a ser respondida sobre o manifesto, ou seja, quem é o enunciador – a primeira pessoa do plural que se expressa. A partir da análise dos trechos do manifesto em que a voz em primeira pessoa se explicita e também a partir da própria imagem, o *Abaporu*, ao redor da qual o texto se desenvolve na revista de *Antropofagia*, o articulista desenvolve quem seria esse nós, esse “nós-outros” do manifesto.

Partindo da ideia de que Oswald de Andrade se vale do nexos entre palavra e imagem e da reprodução como procedimentos criativos, encontrada em textos críticos publicados pelo próprio autor na década de 1940, por Manuel Bandeira e por Haroldo e Augusto de Campos, Larissa Costa da Mata investiga em *Pau brasil* (1925), especificamente no fragmento PERO VAZ DE CAMINHA, como o poeta modernista reconstitui uma proximidade entre a noção de começo e de fim do poema, em consonância com a concepção benjaminiana de origem, deslocando seu livro de uma interpretação nacionalista da vanguarda a que pertenceu.

Maria A. Fontes, para armar os argumentos de “‘O abominável homem dos trópicos’: Oswald de Andrade nas releituras de Haroldo de Campos”, parte das leituras que Haroldo de Campos fez de “O Manifesto Antropófago” e do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, sobretudo a partir do paralelo que estabelece entre o gesto oswaldiano “de reler o passado de um modo disruptivo ou sincrônico” e o trabalho do próprio concretista em propor “novos passados-presentes”, para investigar como a devoração que Haroldo faz de Osvaldo redimensiona e potencializa as leituras do poeta

concretista e também sua crítica à historiografia literária nacional.

Encerra este número de *outra travessia* o artigo “A conquista de um lirismo de libertação: uma leitura de Libertinagem, de Manuel Bandeira”, em que Elzio Ferreira aborda os poemas do livro de 1930 partindo dos sentidos profundos que o título do livro pode figurar.

Ao entregar este volume aos leitores, agradecemos a todas as autoras e a todos os autores, à equipe editorial e de diagramação, a todas e todos que colaboraram com o congresso e também para que esta edição de *outra travessia* viesse a público.

Boa leitura!

Ricardo Gaiotto de Moraes, UFSC
Francisco Cláudio Alves Marques, Unesp-Assis
Oswaldo Copertino Duarte, UNIR
Pablo Simpson, Unesp-São José do Rio Preto
Sandra Teixeira de Faria, Universidad Complutense de Madrid

Submissão: 01/09/2023

Aceite: 02/09/2023

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e98396>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*